Sociedade de Geographia de Lisboa

SILVA PORTO

POR

LUCIANO CORDEIRO

S. S. G. L.

Olhae, que ledos vão por varias vias
Quaes rompentes leões e bravos touros
Dando os corpos a fomes e vigias
A ferro, a fogo, a setas e pelouros
A quentes regiões, a plagas frias
A golpes de idolatras e de mouros
A perigos incognitos do mundo ....

Camões.

LISBOA
Typographia do «Commercio de Portugal»
41 — Rua Ivens — 41

1891

Doutor João Braga

Engenheiro Agronomo

Sociedade de Geographia de Lisboa

SILVA PORTO

POR

LUCIANO CORDEIRO

S. S. G. L.

Olhae, que ledos vão por varias vias
Quaes rompentes leões e bravos touros
Dando os corpos a fomes e vigias
A ferro, a fogo, a setas e pelouros
A quentes regiões, a plagas frias
A golpes de idolatras e de mouros
A perigos incognitos do mundo . . . .

Camões.

LISBOA
TYP. DO COMMERCIO DE PORTUGAL
41 — Rua Ivens — 41

1890

Digitized by the Internet Archive
in 2015

https://archive.org/details/silvaporto00cord

SILVA PORTO

Nasceu no Porto,—cujo nome por amor da terra natal veio a acrescentar ao seu,—Antonio Francisco Ferreira da Silva, n'uma pequena casa da rua de Santo Ovidio, * em 24 de agosto de 1817, sendo baptisado na velha egreja matriz de São Martinho de Cedofeita, em 7 de setembro d'aquelle anno.

Era filho legitimo de Francisco Ferreira da Silva, natural de S. Christovão de Nogueira, soldado que fôra do regimento 18 de infanteria e que fizera com distincção a Campanha Peninsular, cuja medalha recebera, e de Anna Maria da Costa, natural de Soalhaes, então creada de uma familia na rua da Banharia.

Tendo estudado as primeiras lettras n'um collegio de José Joaquim de Carvalho, na rua Cham,—e foi esta toda a instrucção escolar que recebeu,—pobre, intelligente, ambicioso, lançou-se á onda da emigração que a miragem das fantasticas riquezas do Brazil e a desgraçada situação economica e politica do paiz, engrossava consideravelmente, embarcando em 1829, no brigue *Rio Ave*, para o Rio de Janeiro.

Mas a triste e obscura odyssea de marçano, que elle proprio narra com encantadora singelesa, n'uma pequena nota avulsa que adiante publicaremos, não pôde absorver e disciplinar aquelle temperamento irriquieto, sofrego de actividade e de independencia.

Em 1835 partia para a Bahia, onde, no *Correio Mercantil*, de 1836, annunciava a adopção definitiva do nome de Antonio Francisco Ferreira da Silva Porto, em substituição ao de Antonio Ferreira da Silva

---

* Tem tido differentes nomes: *Santo Ovidio* até 1833, depois *Rua 16 de maio* (em 1835), *Rua da Sovela*, e hoje, *Rua dos Martyres da Liberdade*.

de que até então usara, por evitar confusão com outras pessoas d'este ultimo.

Dois annos depois, em 1837, na sumaca *Novo São José,* ensaiava pela primeira vez estabelecer-se em Angola.

Abandonado, em Loanda, pelo companheiro da aventura, pedia e obtinha licença, em maio d'esse anno, para se transportar a Cabo Verde, e regressava á Bahia que encontrava atravessando oppressivamente um periodo de revolta politica e de estagnação commercial.

A Africa começára a fascinal-o, e tendo, em 21 de junho de 1838, tirado passaporte para Madagascar, no brigue francez *George* aportava novamente, em setembro d'esse anno, á capital de Angola, onde, logo que desembarcou, tomava conta de um pequeno estabelecimento arruinado de venda avulsa.

Em breve, porém, impacientado com a imposição de um assentamento militar e vivamente impressionado pelo espectaculo das caravanas de commercio sertanejo que chegavam e partiam, reduzia as suas escassas economias a uma pequena *factura* de fazenda para a permutação no interior, e abalando com uma d'essas caravanas em 1838, aos 22 annos de edade entregava ao mysterioso e aspero sertão a sua adolescencia intrepida, armada apenas d'uma vontade intelligente e tenaz e de uma sentimentalidade honesta e affectiva que haviam de resistir singularmente á acção absorvente da barbaria, e nos permittiriam, MEIO SECULO depois, a nós,—brancos, christãos e portuguezes,—saudar nos ossos e nas memorias do velho sertanejo africano um typo glorioso da nossa civilisação da nossa fé e da nossa familia; — o nome, o exemplo, e os serviços do homem culto, do sincero crente, do patriota acrisolado, finalmente do *explorador* que mais viu e que melhor ensina, — hoje, ainda! — a Africa interior.

*

* *

Das longas e numerosas jornadas de Silva Porto atravez da Africa equatorial só uma parte é conhecida por ora, e apezar do interesse, da importancia consideravel das suas revelações publicadas quer entre nós, quer em linguas estranhas, e ás quaes a propria ingenuidade da observação e da palavra d'elle dão um particular cunho de segurança e de exacção,—o que está por conhecer e publicar terá de acrescentar em muito o reconhecimento dos estudiosos e o largo peculio dos nossos actuaes conhecimentos africanos.

Arredado da Civilisação, Silva Porto, conversava, por assim dizer com ella, pelo papel.

No caminho ou na volta das suas longiquas excursões, enchia cadernos e livros com o registo minucioso, — *dia a dia,* —das suas impressões; dos lances em que se via, dos povos e das terras que atravessava; dos usos, dos costumes, das tradições que ia surprehendendo e observando; das complicadas difficuldades que a cada passo lhe oppunham a malicia, a ingenuidade, a cubiça indigenas e que elle ia

desnovelando e resolvendo com uma paciencia e com uma bonhomia verdadeiramente heroicas.

Com a sua lettra apertada e tortuosa que lembra os zig-zagues atravez das florestas cerradas; na sua linguagem quasi creola, ás vezes, pela longa isolação no *meio* selvagem, elle passava muitas horas n'estas silenciosas palestras com as imagens distantes da Civilisação e da Patria.

Escrevia tudo; escrevia sempre, por uma necessidade, por um habito irresistivel do seu espirito profundamente observador; por uma especie de reacção instinctiva, inconsciente, de raça e de origem.

Porque não publicava, ou porque só raramente consentia em que se publicasse o que escrevia, dando-lhe, aliás, geralmente, uma certa formula de escriptos destinados á publicidade? Elle proprio o diz n'um dos seus mais antigos trabalhos; dil-o a sua modestia, ou, talvez melhor, a sua elevada comprehensão do que deveria ser ou do que elle quereria que fosse o *explorador* africano, o *explorador* portuguez.

—«Se a minha obra fosse o que deveria ser, ha muito que estaria publicada, e talvez que em diversas linguas...»

Pois não lhe dá rasão a sciencia,—a boa, a séria, a honesta sciencia, a que não se simula e ostenta em desdens e prosapias de convenção academica; a que agradece e labora as lições da experiencia e da observação; a que não se desvanece e illude com os primores e artificios, tantas vezes inconsistentes e perfidos, da forma litteraria.

Não lhe deu rasão a sciencia perante os escassos e valiosissimos trabalhos já publicados e traduzidos; não lh'a dará quando receber o repositorio opulento das suas revelações ineditas.

Ainda ha pouco nos dizia um dos mais notaveis geographos e africanistas do nosso tempo, referindo-se a alguns dos mais prestigiosos exploradores africanos, que elles lhe pareciam todos pequenos, quando os punha á craveira excepcional das circumstancias e dos trabalhos de Silva Porto.

O seu primeiro volume dos *Diarios* tem a data de 15 de maio de 1846, do Bihé, e consagrava-o ja á sua querida terra natal:

AOS ILLUSTRES PORTUENSES

O. D. C.

EM TESTEMUNHO DE AFFECTO

Um seu compatriota

Faz-lhe, até, um prologo que póde servir de epigraphe a toda a sua obra:

—«As primeiras lettras e uma pequena pratica do mundo foram os motivos que originaram o eu lançar mão da penna, nas minhas horas de descanço descrevendo os costumes e usos gentilicos...»

Depois d'este, porém, escreve 13 volumes, — e escriptura as suas contas, — e copia toda a sua correspondencia, — e regista, historiando,

os diversos *mucanos* com que as superstições e cubiças da *justiça* indigena o atormentam e roubam; — recolhe vocabularios e tradições, — recompõe, em interessantes notas, a geographia, a historia, a ethnographia dos diversos povos, como as surprehende ou como elles lh'as revelam, nas longas palestras amigas dos quilombos e das embalas.

Seria impossivel, por agora e aqui, extrahir d'esta consideravel massa de documentos, uma indicação summaria, que mais não fosse; não completa, mas sufficientemente illucidativa, ao menos, de todas as jornadas de Silva Porto, em todas as direcções da Africa equatorial.

Como dissemos, é em 1839 que elle penetra, por Loanda, nas planuras interiores. Em 1841 desce a Benguella e lança os seus commissarios no caminho do Lui, pelo Lutembo e pelo Riambeje (Zambeze superior).

Em 1845 está definitivamente estabelecido no Bihé, e começa a sua exploração frequente do Barotse que abre ao commercio de Benguella em successivas jornadas (1845, 1847, 1849, 1850, 1852, etc.).

No Bihé encontra por Capitão-Mór, — e já não era o primeiro representante da soberania portugueza n'aquelle ponto, — Francisco José Coimbra, — *o major Coimbra*, — que por lá creou farta prole continuada até hoje ali e muito mais longe, pelos sertões a dentro. A *mulher grande* do Musiri, a formosa e imperiosa *sultana* da Garanganja de que fallam, um tanto pudicamente demais, por signal, Capello e Ivens, — apesar do seu nome patronymico, *Maria da Fonseca*, é, segundo boas informações, um rebento dos Coimbras.

A situação commercial e politicamente extrategica do Bihé fôra de longe apreciada na nossa expansão colonial africana. Como a de Tete, por exemplo, do outro lado.

Oxalá o tivesse sido, por egual, nos ultimos tempos, pelos nossos politicos e administradores da Metropole!...

Em 1791 já ali tinhamos, — e não era o primeiro tão pouco, — um «*Capitão-Mór e juiz da Provincia do Bihé, povoação de Amarante, freguezia de Nossa Senhora do Desterro e S. Gonçalo, jurisdicção da Capitania de Benguella.*»

Era Antonio Francisco da Conceição, que succedera no cargo a Joaquim José Rodrigues, e cujo alvará de nomeação, á maneira do tempo, — maneira bem mais rasoavel e pratica do que a de agora, — era uma especie de instrucção geral que lhe mandava: — «residir na dita provincia, guardar todos os Regimentos, Leis e Ordens que se lhe communicarem, *dilatando o commercio, a agricultura e a industria*, quanto permittirem as forças da mesma Provincia e as regras da justiça,... não fazendo a guerra aos negros, nem acto nenhum de hostilidade sem expressa ordem minha (do Governador Geral) e dos meus successores,... *attrahirá e dilatará os vassallos e dominios de Sua Magestade, pelos meios justos e suaves da paz, da justiça e do commercio, fazendo que a cada um se pague os serviços que fizer ou os generos que vender*... e escusando-se, não sahirá do governo sem que primeiro seja rendido por aquelle que eu nomear»...

Como tudo isto se obliterou e esqueceu nas regiões officiaes!...

Além do capitão, houve, infelizmente por intermittencias, mais ou

menos longas, o missionario catholico, e Silva Porto encontra, até ao Barotse, a influencia d'elle.

Como vimos, o Bihé constituia, até, nos fins do ultimo seculo, uma *freguezia*, uma circumscripção do nosso bispado de Angola e Congo, hoje tão arbitraria e desalmadamente cerceado.

Quando Joaquim Rodrigues Graça, por lá passou, em principios de 1846, na sua importantissima expedição ao Muatayanvua, era numerosa a colonia portugueza que elle quiz arregimentar militarmente, comprehendendo a necessidade de fortalecer e acautelar o nosso dominio d'aquelle lado. Já então Silva Porto occupava n'ella o segundo logar, — immediato ao do velho e tambem notavel sertanejo Guilherme José Gonçalves, natural de Lisboa.

Dos dois, dizia Graça, propondo a nomeação d'elles para o projetado batalhão do Bihé:

—«Para Capitão:—Guilherme José Gonçalves, homem de reconhecida capacidade e que os povos teem em muita consideração. Para 2.º dito: — Francisco Ferreira Porto; merece a mesma consideração.»

Quanto teriamos lucrado, e a quantos desgostos, vexames e perigos nos tiveramos poupado se as indicações, tão intelligentes e praticas, de Rodrigues Graça, ácerca do Bihé, do Quanza e da Lunda tivessem sido ouvidas e consideradas pela nossa politica colonial!...

O Major Coimbra foi um d'aquelles valentes e aventurosos pioneiros que de um e do outro lado d'Africa, e até ao coração d'ella, nos tem alongado o prestigio politico e a exploração commercial.

Em 1848, partindo para os Ganguellas, Coimbra encarregou Silva Porto,—«do governo d'este districto» (Bihé)—segundo um officio do ultimo ao governador João de Reboredo, em 30 de maio d'esse anno.

Um dos primeiros actos de Silva Porto foi convocar—«os moradores e feirantes,»—portuguezes,—«para ver se, de alguma maneira, o soba (D. Antonio Alemcastre, o *Riambulla*) punha cobro ás injustiças que, em geral, quimbundos e ganguellas estão commettendo, de presas e sequestros feitos arbitrariamente pela mais insignificante bagatella, o que não deixa de acarretar funestas consequencias ao commercio e graves prejuizos de terceiro.»

Não se realisando a reunião, pela morte do soba, Silva Porto solicita a intervenção do governador Roboredo, juncto de Caiangulla, o successor, para — «reprimir de alguma maneira os absurdos sem interrupção commettidos pelo seu povo contra os brancos existentes na terra, quer naturaes ou estranhos.»

Começára a sua missão humanitaria e civilisadora. E, muito escrupuloso, como sempre o foi, nas suas contas, enviava, em 10 de janeiro de 1849, ao governo de Benguella o inventario de um portuguez ali fallecido. Seria caso novo na historia administrativa do sertão!...

N'este ultimo anno, voltou a substituir Coimbra, fasendo-se substituir elle proprio, no cargo, sempre que tinha de afastar-se de Belmonte.

Mas indignado com a continuação dos abusos indigenas, e com-

prehendendo, como Graça, a conveniencia de assegurar definitivamente o regular exercicio da soberania portugueza n'aquelle ponto, Silva Porto, promove, ainda em 1849, uma reunião dos *brancos* e com elles accorda n'uma representação ao Governador Geral, em 20 de julho de 1850, pedindo a occupação militar do Bihé, offerecendo todos as suas pessoas e haveres, e solicitando dos negociantes de Benguella, um efficaz auxilio para que o governo possa pôr termo, de vez, áquella situação oppressiva e vexatoria para os interesses e authoridade da Nação.

Como constasse que nas immediações de Quissonde, do lado de Pungo-andongo, se achava uma expedição militar, a cargo do — «benemerito commandante Francisco de Salles Ferreira,» — Silva Porto solicita, em officio de 23 de julho, que ella marche sobre o Bihé.

Estes documentos, acompanhados de um plano completo e pratico, obdecendo á idéa da organisação definitiva d'um districto no Bihé,— idéa ha poucos annos, ainda, indicada, baldadamente, pela nossa Sociedade de Geographia,—são inteiramente ineditos, e cremos mesmo não ser arriscado dizer que são inteiramente desconhecidos.

Devemos, porem, restituir a Silva Porto uma idéa que só agora,— *40 annos depois*,—conseguiu accordar a nossa politica colonial,—notavel coincidencia!—com o estrondo da morte desastrosa d'elle.

Em 1851, um extraordinario incidente, o encontro, para os lados de Catanga, de uns pobres arabes que partindo do Zanzibar se haviam perdido no coração da Africa, veio fazer reviver o velho empenho portuguez da communicação e exploração entre as duas costas, e pouco depois o governador de Benguella, da parte do governador geral, convidava Silva Porto a fazer a jornada «ás cabeceiras do Rio de Sena» (Zambese), como se disia então, commissão que elle aceitava em officio de 30 de maio de 1852, interpretando intelligentemente o pensamento d'ella, mal definido na forma.

«A's cabeceiras do rio de Sena» ou do Zambese,—era realmente um modo de dizer. Ahi andavam já os portuguezes, havia muito; andara já Silva Porto. O Zambese superior estava de longa data devassado em diversas direcções pelas nossas caravanas: — não esperara pelo seu pseudo-descobridor inglez. Nunca nol-o poderam perdoar Levingstone e os seus fanaticos. O mesmo aconteceu depois com os que vieram dizer á Europa que tinham descoberto tantas outras cousas do nosso velho conhecimento em Africa...

Mas a questão era romper até á outra costa; ligar ou completar pelo interior a drainagem commercial das duas provincias; cerrar a rede da nossa influencia e dominio d'um a outro oceano, como desde o seculo XVI se pensava e se tentava fazer.

Esta idéa mal comprehendida, e até ultimamente estragada na Metropole, póde dizer-se que começou com o nosso primeiro estabelecimento nas duas costas. A conquista das *terras altas*, das terras centraes da Africa só começou a ser uma idéa inglesa quando, por mal dos nossos pecados, pareceu, por longos annos, deixar de ser a nossa.

Organisando a expedição, Silva Porto, dirigiu-a até ao Barotse, e

em officio de 24 de março de 1853 officiava de Lui ao governador geral de Moçambique, expondo-lhe que não podendo ir n'aquella occasião visital-o pessoalmente, lhe expedia José da Silva,—«pessoa em quem deposito inteira confiança e unica que me poderia substituir em semelhante empresa»,—que lhe dará conta exacta da jornada desde o dia seguinte em que deveria partir.

Malograda, porem, esta expedição, Silva Porto faz partir, em 21 de setembro do mesmo anno, um pequeno troço da sua melhor gente, com um dos arabes perdidos no sertão que assim era restituido á sua patria.

E' esta a conhecida travessia, cuja interessantissima narrativa Silva Porto tão escrupulosamente reconstroe, travessia á qual, como á dos celebres *Pombeiros*, pertence incontestavelmente a prioridade e a licção de muitas importantes revelações geographicas de que varios exploradores modernos, com a maior semceremonia e até com a mais atrevida má fé,—não desfazendo na respectiva e por vezes ridicula prosapia,—se teem apropriado depois.

Doe relembrar a indifferença estupida com que, principalmente por parte das auctoridades de Moçambique, foi tratada, entre nós, esta generosa e interessantissima empreza. Como teremos de nos occupar d'ella, em trabalho especial, apenas registaremos aqui, por inedito, um incidente curioso.

O premio offerecido pelo governo de Angola era esta ridicularia: — uma patente de official de segunda linha ou de «capitão das passagens,» e um conto de réis em dinheiro.

E' claro que Silva Porto teve de fazer consideraveis despezas e sacrificios que nunca lhe foram compensados. Enviando o seu relatorio ao governador, diz-lhe engraçadamente, em officio de 5 de maio de 1856, que relativamente á patente e ao conto de réis, fizera já, em 16 de setembro de 1853, doação aos pobres do hospital da Misericordia do Porto.

—«E se os serviços que prestei para a levar a cabo (a empreza da travessia), de nada valem, valham ao menos as bençãos de milhares de infelizes agglomerados n'esse estabelecimento Pio da minha terra, que terão de recahir sobre V. Ex.ª fazendo valiosa a promessa...»

Agora, mesmo, nos escreve do Porto o nosso amigo e collega sr. Cherubino Lagoa, patriotico investigador e zelosissimo funccionario d'aquelle estabelecimento, confirmando a existencia da doação, que aliás o Estado não satisfez até hoje. Que a Santa Casa exija, ao menos, o conto de réis, que já fará favor em não exigir os juros accumulados, e o valor computado da famosa patente, que Silva Porto não fruiu. Consideravelmente mais, recebe d'elle o Estado, agora, não contando o que recebeu já.

Não tem graça que o unico premio da travessia fosse... um diploma de mesario da irmandade da Santa Casa da Misericordia do Porto?...

Ainda bem que os seus successores e discipulos encontraram já, além d'aquelle Pio Instituto,... a nossa Sociedade, ao menos...

E' por este tempo, tambem, que Levingstone, desvanecendo-se com a idéa de ser o primeiro *branco* que penetrava nas regiões do alto Zambeze, e sacrificando, como tantas vezes fez, a esse orgulhoso desvanecimento a verdade, a justiça, e até a lealdade que devia ás informações e auxilios recebidos, encontra portuguezes em Rinhande (*Linyante*, como elle chama) e Nariere (*Naliéle*, dizia elle), que procura desdenhosamente fazer passar por mulatos e *mambari*, imaginando estes uma especie ethnologica, uma tribu distincta!

De um d'elles, de quem diz que — «semilhava perfeitamente um portuguez,» — e que accusa furiosamente de traficante de escravos, escreve Silva Porto, o seguinte, em 1868, do Lui, quando lá o vão surprehender as falsidades e desdens do sabio inglez que não sabia distinguir um branco de um mestiço:

—«Este homem tão infamemente ultrajado e que foi meu visinho no Bihé, presentemente morador no concelho do Dombe, chama-se Caetano José Ferreira, natural do Barreiro, suburbio de Lisboa, e tem tanto de mulato quanto o illustre viajante de boa fé nos seus escriptos.»

O outro portuguez que Levingstone simula egualmente não distinguir bem se é africano ou europeu, observando que — «se realmente não é portuguez tem o cabello europeu,» — era simplesmente Silva Porto a quem apresentou uma carta de recommendação do consul portuguez no Cabo, e com quem conversou largamente, discutindo as indicações de um mappa portuguez de que tinha o cuidado de fazer-se acompanhar;—pedindo-lhe que lhe determinasse certos pontos, entre os quaes o Bihé, que não sabia onde ficava, — e deixando-lhe uma nota da distancia percorrida entre o Cabo e Rinhande que existe, ainda, entre os papeis do nosso honrado sertanejo...

— «Esteve no meu estabelecimento em Catongo: quantas correntes cheias de infelizes encontrou?...» exclama o honrado sertanejo, referindo-se ás insidias escravistas prodigalisadas contra os nossos negociantes, por Levingstone. E com um grande senso pratico, com uma leal e luminosa franqueza, expõe o que é, e o que tem sido, e o que tem de ser, ainda, o commercio sertanejo; os usos, as necessidades, as tradiçõees e as tendencias dos differentes povos; as illusões, as inêpcias, as incongruencias que na Europa se pregam e propalam sobre o assumpto.

Justamente magoado, Silva Porto, como dissémos escreve, annos depois, no Lui, — quando pelo livro de D. José de Lacerda lhe chega a noticia do que Levingstone,—a quem elle tão generosamente quizera obsequear e servir de guia, — viera dizer á Europa, uma nota curiosissima que reprehendendo o ingrato missionario, — o *monare* (negociante), como lhe chamavam,—espelha, ainda assim a bondade ingenita do seu auctor.

Como essa nota vae ser publicada, não a extractaremos aqui.

Mas apesar de não ser uma grande novidade, o procedimento doble de Levingstone para com nós outros, os portuguezes, tendo-se já feito por varias vezes o confronto dos calorosos agradecimentos e cortesanias das suas cartas ao nosso governo e ás nossas auctoridades com o que elle escreveu nas suas narrativas impressas, sempre citaremos um facto que a bem dizer é caracteristico do proceder e do caracter não só d'este, mas de muitos outros exploradores e missionarios inglezes em Africa.

Coberto de favores pelos portuguezes e acompanhado de documentos de protecção e de recommendação portugueza, apresentando a Silva Porto, no centro d'Africa, um d'esses documentos e pedindo-lhe informações, Levingstone, no convivio com os indigenas, procurava systematicamente malquistar-nos, e, por, exemplo no Barotse não se esquecia de intrigar aquelle mesmo generoso Silva Porto, com quem lá quizera esclarecer-se, malsinando-lhe a construcção de uma estacada defensiva no Catongo, atravessando-se-lhe na negociação do marfim, e aconselhando ao soba Hiquereto que não consentisse —«macuas do Oeste (portuguezes d'Angola) no paiz, pois que pretendiam apossar-se d'elle.»

Não é curioso qre tantos annos depois, uma intriga identica ensaiada junto do Soba do Bihé, o levasse a querer exterminar os brancos? Não teem variado muito os processos contra nós empregados por certos apostolos da civilisação africana!...

*
* *

Não nos propondo a fazer, e tendo já dito, como não poderiamos fazer agora, uma resenha das numerosas jornadas de Silva Porto, e da copiosissima colheita de informações e noticias que os seus *Diarios* e mais papeis offerecem ao estudo e conhecimento da Africa interior, observaremos apenas que não foram sómente os sertões de sudoeste que elle penetrou em longas excursões, levando sempre o nome e a bandeira da Patria, rodeada do prestigio de um poder e de uma influencia superior, civilisadora, christã.

N'uma carta relativamente recente, elle frisa com eloquente singelesa este contraste:—Levingstone abria a camisa mostrando aos indigenas o peito alvo como signal de uma superioridade mystica sobre os pobres selvagens, e—para não perder o sestro,—sobre nós os portuguezes. Elle, o humilde sertanejo, o mercador, mostrava-lhes a bandeira de cores alegres e brandas, como symbolo de amor, de redempção, de egualdade de todos os homens perante Deus!...

A's longas jornadas para sudoeste ha a acrescentar a penetração dos sertões do Norte, pelo Quanza, pelo Quioco, pela Lunda, ao Cassabi, ao Lulua, ao Moio...

Ainda ha pouco publicou a nossa Sociedade uma d'ellas.

Do que ha publicado entre nós, — e mal publicado, incompletamente, em impressões miscellanicas, em edições provisorias,—o que mais se conhece, é, ainda, parte do diario da travessia e do da viagem ao Moio (Lubuco).

Posto seja triste, é forçoso dizer que até ha pouco era mais frequente encontrar-se o nome de Silva Porto, em publicações extrangeiras ácerca da Africa, — onde são numerosas as referencias, as citações, os extractos dos seus trabalhos e noticias, — do que entre nós.

Nem admira: as jornadas dos *Pombeiros*, a do proprio dr. Lacerda, não obtiveram ainda, aqui, uma edição privativa e critica como mereceram a Burton.

O Diario de Joaquim Rodrigues Graça, extractado e carteado em inglez e allemão, só agora, graças á nossa Sociedade, pôde ser publicado na *integra*. Não fallando d'outros trabalhos mais antigos; — por exemplo: a expedição de Francisco Barreto, continua — até em documentos officiaes, — a ser citada na fé e na copia das noticias deficientes e pouco justas de alguns chronistas, apesar da Sociedade de Geographia ter feito copiar e publicado a notavel narração original de Monclaio; — das nossas primeiras explorações e estabelecimentos em Madagascar ainda ha pouco publicámos tambem um dos primeiros e mais interessantes documentos.

Ha annos propozemos e iniciámos uma publicação que sob o titulo de *Memorias do Ultramar* viria a ser o utilissimo archivo da nossa historia colonial, aberto a todos.

Renovamos a idéa e não nos fallece a vontade, mas...

Longe, porém, nos ia arrastando a penna.

Voltemos a Silva Porto.

Explorador commercial, — *enviado* se lhe tem chamado, até, — negociante de conta propria e alheia, percorrendo o sertão ou fazendo-o percorrer pelos seus agentes, n'um proposito ou por uma necessidade de permutação mercantil, geralmente, — elle tem a comprehensão intelligentissima das necessidades da sciencia, a acrisolada idéa da conquista pacifica, da redempção piedosa e utilitaria da Africa selvagem pela civilisação *branca*, christã, e quer e crê que o seu paiz, por honra, por interesse, por aptidões proprias, continue a ser o porta-bandeira d'essa civilisação.

Suppre-lhe as deficiencias de uma instrucção larga, regular, a concentração reflexiva de uma intelligencia vivissima e de um coração opulento que se broquelavam contra os estimulos e influencias do meio selvagem com as recordações e as crenças da mocidade, com os echos, as reminescencias e as novas sofregamente bebidas da civisação longiqua.

Sente, instinctivamente, a necessidade, a rasão d'aquelle movimento historico que nos seculos XV e XVI nos lançou aos mares, buscando, como hoje ainda precisamos buscar, na expansão ultramarina a forte garantia da nossa individualidade, da nossa independencia nacional em face da Hespanha consolidada, apertados entre ella e o oceano, n'uma estreita nesga de terra.

A Africa é para elle, — e comprehende que precisamos fazel-a para nós todos, — a continuação da Patria.

Ainda nos ultimos registos do seu *Diario*, no pequeno extracto d'elles que publicámos ha dias, pode perfeitamente ver-se o reflexo nitido d'esta idéa, d'esta preoccupação constante.

Elle sente e confessa amargamente as fraquezas da sua instrucção e do seu isolamento; — desejaria que lhe pozessem ao lado, nas suas longas excursões, algum homem com variadas habilitações scientificas que melhor do que elle podesse surprehender e colher os segredos d'aquella natureza mysteriosa, d'aquellas raças e d'aquelles povos ignorados; — elle quereria que o commercio nacional soubesse e fosse, — como foi já, — a vanguarda intrepida e intelligente da conquista sertaneja; — anceia porque o silvo da locomotiva rompa pelas solitarias florestas como um hymno festival de redempção, — por signal que a idéa do caminho de ferro de Benguella ou Mossamedes, è d'elle e antiga; — elle pede o Padre e a Escola para as novas gerações indigenas, e como não lhe dão esta, fal-a elle, e quando lhe tiram o padre, faz elle de padre...

— «Hoje, — diz, — «celebrámos uma missa com os alumnos da escola»...

Foi quando quiz suffragar a alma d'aquella santa desgraçada que chamaram imperatriz do Brazil.

A escola fundou-a elle, á sua custa, por sua iniciativa, em Belmonte, e só ha pouco lhe accudiu o Estado tomando-a á sua conta.

Mas que tristeza a d'elle, isolado, velho, pobre, vendo em volta crescer a invasão dos estrangeiros, com os seus agentes, com os seus missionarios, com as suas intrigas, com a sua actividade cupida, disciplinada, fortemente protegida!...

Em 1881, a 17 do abril, voltando do interior, escreve a um amigo de Lisboa:

— «Em Bailundo, e no dia 30 do mez passado, encontrei os srs. W. Bagster e Sanders, missionarios americanos, com destino á terra do Bihé para cathequisarem os indigenas! Dei-lhes uma carta, pondo a minha povoação á disposição d'elles, com a condição de a abandonarem no meu regresso, para então de commum accordo se proceder á escolha do logar em que se estabelecessem. Meu amigo, se tem alguma intimidade com os homens que nos governam e no recinto da nossa Sociedade de Geographia, faça ver *que é tempo de accordar e olhar para isto com verdadeiro interesse,* gastando dinheiro ás mãos largas, *a querer sustentar o dominio que aqui temos, emquanto o estrangeiro lhe não chama seu;* e se assim não fizermos terão elles de fazer de amos e nós de creados, *porque estamos cercados por elles por toda a parte.*»

A Sociedade de Geographia, ouviu-o. Não a quizeram, porém, ouvir, — a ella, —... *os outros.*

Em tempo fallaram a Silva Porto na venda das suas propriedades no Bihé: — «situadas» — diz uma procuração d'elle, — «no 16,° 90′, 24″ Long. E. de Greenwich, 12.° 22′. 40″ Lat, S. e 1670.^{m} de altitude.» — Foi um dos nossos exploradores africanos, que tivera occasião de apreciar directamente a importancia da *povoa* de Belmonte e

dos terrenos annexos cujo valor venal foi então computado em 20 contos. Silva Porto estava grossamente endividado, principalmente com a praça de Benguella. Mas em 1885, a 23 de dezembro, escrevia a outro amigo, uma auctoridade de Angola:

— «A proposta da venda de Belmonte partiu de... em Lisboa, e eu fallei a V. Ex.ª n'esse sentido, não mais que para me desonerar do compromisso que tenho com a praça da Catumbella, mas tendo em vista fazer esta viagem, esse mesmo compromisso deixou de assoberbar-me, assim o espero, motivo porque não fiz a proposta, tendo em vista de que Belmonte, *depois da minha morte passará a ser propriedade de Portugal.* E' propriedade que a todos os respeitos lhe convem: — a antiguidade, a circumstancia de ter sempre arvorado o estandarte das quinas, a conveniencia da habitação para o seu Delegado e a particularidade de povoação de primeira ordem entre os selvagens.»

Em 21 de maio de 1887, escrevia a outro amigo, regressando de uma longa excursão:

— «O maior acontecimento colhido na jornada acabada de realisar, foi encontrar o nosso dominio da Lunda em decomposição, em virtude dos muitos pretendentes a esse Estado, e o encontro de uma colonia numerosa de estrangeiros, estabelecida na desembocadura do Lohépo, no Lulua, a curta distancia do Zaire. *Agora estamos cercados por todos os pontos. Temos estrangeiros no Oeste, Leste, Sul e Norte, e então é preciso fazer o mesmo que esta gente procura fazer,* estabelecendo-nos nos pontos centraes de maior nomeada. Se assim não fizermos, o nosso dominio central deu fim.»

N'esse anno, — e tinha já 70 de idade, — escrevia, ainda, — porque não havemos de dizer a quem? — a J. J. de Carvalho, um dos seus melhores amigos, — o seguinte (31 de outubro):

— «Disse-lhe que agora fico aqui, *mas creia o meu bom amigo que o meu posto é por esses sertões alem*, onde o meu vigor se retempera e sempre me conheço outro, ao passo que em Belmonte passarei vida rachitica e enfesada, similhar ás ervas parasitas que um terreno safaro não consente desenvolver; *e se fico é porque creio não encontrar quem me queira substituir. Cabe aqui dizer que fiz cedencia de Belmonte a Portugal, a fim de que as futuras auctoridades occupem povoação decente,* cousa que presentemente não se encontra no Bihé. Quanto a mobilia e outras commodidades, taes como possuem os americanos, essas auctoridades qno tiverem de me succeder, terão de recorrer ao Governo para o effeito.»

E já agora não desistamos do prazer de dar mais algumas notas caracteristicas, intimas, d'aquelle bello caracter.

Em 22 de janeiro de 1888 enviando ao governador de Benguella uma carta do filho do 4.º capitão-mór do Bihé, Francisco José Coimbra, que solicitava um emprego, Silva Porto diz:

— «Em Quibulla, sitio Cahata, de que é fundador, *póde-nos ser muito util*, por ser posição intermediaria entre Bailundo e Benguella, onde mais tarde se deverá pôr um europeu. *Os estrangeiros estão estabelecendo-se por toda a parte.* Nós somos pequenos! *Aproveitemos as occasiões para aos poucos, chegarmos onde queremos...*»

Em 29 do mesmo mez e anno dizia ao amigo já citado:

— «Em Benguella por occasião de remetter para Portugal a discripção da minha ultima viagem, pedi um bocadinho de pão e albergue na terra que me é berço para passar o resto dos meus dias e creio serei attendido, conforme cartas e periodicos recebidos ultimamente; succede que então estava muito doente, desgostoso de mim e de tudo que me cercava, aborrecido. Tinha-me tornado misantropo. Hoje estou bom, satisfeito de mim e de tudo, tenho-me tornado outro, e por isso penso de outra maneira. Penso em viajar, mas faltam-me os recursos. N'este sentido escrevo para a Sociedade de Geographia de Lisboa, e então espero. Mas veja o meu amigo o que me aconselha. Recommendo-lhe a minha filha, doutor, quero que aprenda a ser dona de casa, e complete o que lhe falta de educação scientifica, para mais tarde tratar do pae até que venha a tomar estado.»

E poucos dias antes de morrer, referindo-se n'uma carta (7 de março 1890) á ordem que em Lisboa extravagantemente additou a bruta exigencia do *ultimatum* britanico, mandando suspender a expedição do capitão Couceiro ao Barotse que não se incluia n'aquella exigencia, ordem que elle verberára já, justamente, no seu *Diario*, escreve o seguinte:

«Naturalmente a mudança de ministerio deu causa de se sobrestar na expedição ao interior. Com quanto nada remediasse, visto que sem commercio nada se póde fazer por aqui, o *passo foi errado para a nossa dignidade.* O inglez procura metter a Sé na Misericordia por ter o commercio da sua parte, *e o portuguez porque este lhe falta, procura limitar-se ao litoral:—systema de loucos.*»

III

Cheio de uma grande bondade e de um grande senso pratico, reagindo na concentração da sua bella intelligencia e do seu coração primoroso, contra a absorpção da barbaria que o sitiava e estreitava no circulo implacavel das suas necessidades e das suas superstições,—do seu modo de ser fatal, em summa:—Silva Porto, considerando o preto uma creança, comprehendia que não havia de ser brusca e violentamente que se havia de transformar aquelle meio, inverter a natureza das cousas e a condição dos homens, e armára-se d'uma longanimidade e de uma paciencia que attingem proporções verdadeiramente heroicas.

Aceitava, procurando moderar e corrigir, pacificamente, pela persuação e pelo conselho amigo, os usos e processos da vida e da justiça indigena; transigia, até onde lhe permittia o seu vivo sentimento da justiça e da dignidade humana, com o *costume;* resignava-se aos *mucanos* e tradições da justiça selvagem, discutindo com ella, enleando-a e convencendo-a nos seus disparates e abusos, e assim ia penetrando na existencia, no modo de ser intimo, d'aquellas sociedades rudimentares, conhecendo-lhes as fraquezas, e conquistando-lhes o respeito, a confiança, a sympathia que systematicamente fazia derivar da sua pessoa sobre a nação e a civilisação que representava.

—«Não comprehendo,»—dizia-nos uma vez,—certos exploradores modernos.»

Referia-se aos lances violentos, sanguinolentos, que ensombram a historia da exploração africana.

Elle presava-se de *nunca ter tido necessidade de matar um preto.* Com muita paciencia,—e apreciando mais uma vida do que um fardo de fazenda ou do que uma anchoreta de aguardente, tudo se conseguia.

O seu *Memorial dos mucanos* é um subsidio ethnographico importantissimo.

Está claro que Silva Porto não era um anachoreta, um ennucho de mysticas abstinencias.

Teve uns poucos de filhos.

E que pae extremosissimo que elle era!

E' esta uma das feições mais caracteristicamente sympathicas d'aquella original individualidade. Teve alguns filhos que ciosamente, extremecidamente, fazia crear e educar, procurando fazer d'elles almas cultas e portuguezas.

Um curioso traço da vida africana.

«—Em Roma, sê Romano,»—diz o proloquio.

E' claro que não é egualmente facil e rasoavel ser Romano... no sertão. Por melhor christão e mais escrupuloso catholico que se queira ser por aquella Africa a dentro, nem sempre as relações da vida e os vinculos da natureza ou do coração podem pautar-se e vasar-se nas modalidades consagradas pela Fé ou pelo Direito culto.

Encurtando razões:—um dia um dos sertanejos mais importantes e melhor conceituados sente a necessidade de crear familia; põe os olhos n'uma filha de Silva Porto, e escreve ao pae, dizendo-lhe que—«não tencionando voltar mais ao sertão onde só se passam trabalhos, os quaes não são compensados pelos interesses que se obteem, a não ser com grandes capitaes, resolvi a ficar por aqui... mas para a minha felicidade ser completa preciso se me torne ter por companheira pessoa dedicada em quem eu tenha toda a confiança, e dotada de qualidades que me faça com seus attractivos e carinhos esquecer o labutar de cada dia, animando-me a bem cumprir com os meus deveres, e só na pupilla de V. S.ª a Ex.ma Sr.ª D. Clara... reconheço os dotes que ambiciono; por tanto, sendo do agrado de V. S.ª ceder aos meus desejos certifico-lhe que jámais darei causa para o seu arrependimento, e desgostos áquella que escolho para minha caseira.»

Encantador, não é verdade?

Mas Silva Porto responde-lhe que se não conforma «com os habitos do paiz,» que reconhece, comtudo, a fatalidade d'elles e da sua situação, mas que a annuencia depende em todo o caso,—«da vontade d'ella (da pupilla) que se torna necessario consultar, cumprindo para este fim que o pedido seja feito por sua mana ou por seu cunhado na falta de seu pae, afim de salvaguardar de futuro o destino de minha filha.»

Nem sempre, em plena sociedade culta, se manifestam taes escrupulos e cuidados...

Logo que os filhos chegavam a idade de se instruirem, Silva Porto enviava-os para Portugal.

Um dos ultimos, Salustiano da Silva Porto, jaz em Guimarães, onde estava a instruir, e morreu em 9 de outubro de 1882.

Morreram-lhe todos, menos a filha que está hoje no Porto, uma gentil menina que tem hoje uma esmerada educação, e outra casada com um negociante, em Africa.

Em 6 de dezembro de 1882, escrevendo de Benguella, a sua irmã, a sr.ª D. Emilia Amalia da Costa Azevedo (Porto), que deixara creança, diz-lhe:

— «Aqui cheguei no dia 26 do mez findo, e foi-me entregue a carta de 17 de agosto, acompanhando as photographias, sua e de seu marido. Quanto á sua estranhei-a bastante, minha irmã, porque tendo-a tido muitas vezes nos meus braços, ainda de peito de nossa santa e bemdita mãe encontro no retrato tanta differença, como a que vae do dia á noite; junto o meu; hoje sou outro, porque tendo n'esta viagem que acabo de fazer, escapado da morte por duas vezes, deixei crescer as barbas a ponto de ter uma physionomia de velho de avançada idade. Na occasião não ha photographo aqui, do contrario mandaria outro retrato. Antonio morreu a 27 de setembro de 1870. Em Guimarães, no Asylo de Santa Estephania, tenho Amelia da Silva Porto e Salustiano da Silva Porto; aqui tenho Maria da Silva Porto, já mulher e solteira, sendo estes os meus unicos filhos, com o pae muito pobre...»

No 13.º volume dos seus *Diarios*, diz, em 11 de dezembro de 1889:

— «Em Portugal tres filhos nossos repousam o somno eterno; o quarto falleceu em Benguella, curto tempo depois de ter chegado de Portugal. Aqui uma filha, e duas protegidas a quem procurámos dar a educação conveniente a fim de que um dia viessem a ser o que nós não fomos por falta de meios de nossos bemaventurados paes. Deus nos perdôe! Estas, ao cabo de 16 annos a educar em Benguella não differem dos selvagens! Resta-nos portanto, essa filha muito estremecida, a completar amanhã 19 annos, a quem a Mãe de Deus proteja, no Porto, em casa de nossa irmã. E' para ella que nos conservamos n'este vaivem terrestre e pretendemos a continuação da obra da civilisação, a fim de que um dia possa apresentar-se na sociedade honrando o nosso nome.»

Causará estranheza que nos demoremos tanto n'estas referencias intimas?

Mas é que ha n'ellas encantadoras notas que accentuam typicamente aquella formosisima alma.

Os cuidados, as preoccupações da educação dos filhos a cada momento nos surprehendem e commovem no folhear dos papeis de Silva Porto.

Partindo para o interior, escreve (22 de setembro de 1879) ao seu correspondente de Lisboa, o conhecido negociante sr. João Ferreira Gonçalves, interrompendo as contas e recommendações mercantis, para pedir, — «que se não descuide dos meus filhos, quer no seu tratamento physico, quer no seu adiantamento moral, visto que já lhe disse, uma vez, ser para elles que trabalho.»

A Serpa Pinto, J. J. Carvalho, á irmã, aos amigos, exorta frequentemente no mesmo sentido.

O amor e a educação da filha, inspiram-lhe os mais commoventes trechos.

Em jornada, das margens do Chanhóra, a 6 de agosto de 1883, escreve á irmã:

—«Por motivos que me não é possivel expender na occasião, por não dispôr de tempo, peço-lhe para que procure João Ferreira Gonçalves, em Lisboa, do qual hade receber minha filha Amelia da Silva Porto, e tractar de a pôr ahi no collegio afim de continuar a sua educação, qualquer que seja o sacrificio que tenha de fazer para este effeito, isto até o regresso da viagem que ora vou fazer, que então tomarei as medidas necessarias para que a minha filha lhe não seja pesada. Recommende-me a seu marido e filhos.»

Em 9 de julho de 1885, escreve á filha:

—«A minha vida está ligada á tua. Crê que se não passa um unico dia sem que a tua imagem deixe de reflectir-se na minha alma. Deus e sua Santissima Mãe te protejam e guardem.»

Recebendo alegremente uma lista das alumnas do Collegio,—o de S. José de Bemfica,—em que se inclue o d'ella, diz-lhe:

—«No entanto, querida filha, aprende de alma e coração, porque teu pae hade trabalhar por te ministrar os meios precisos para complemento da tua educação.»

Em jornada, outra vez, lá do fundo do sertão, escreve-lhe ainda (18 out. 1885):

—«Nas tuas orações lembra-te de mim, pois bastante precisas me são ellas para levar a salvo os meus projectos da tua felicidade. Até um dia, querida filha, e Deus te proteja.»

O seu ideal é modesto, singello, pratico:

—«Toma sentido no que te vou dizer por que já não és creança; —escreve ainda, em 29 de fevereiro de 1888,—«agora estás mulher feita. Quero que saibas falar e escrever perfeitamente portuguez, francez e inglez. Desenho, bordar, costura e musica. Perfeita dona de casa em todo o trabalho: cosinhar, lavar, engommar e restante serviço. Tua Tia é tua Mãe.»

D. Amelia Ferreira da Silva Porto, começou, como fica dito, a sua primeira instrucção em Guimarães, e continuou-a no collegio de S. José de Bemfica. Silva Porto pensou em fazer-lh'a completar em Benguella ou Mossamedes; n'umas ferias, porem, a menina foi para casa de sua tia, a santa e extremosa senhora que realmente lhe tem servido de mãe, onde ficou, entrando então para o excellente collegio Van Haffe, em virtude da seguinte carta do honrado sertanejo:

—«Minha irmã. Bihé 8 de dezembro de 1887.—Uma casualidade qualquer póde obstar á vinda de minha filha para Africa, e dada que seja, minha irmã enviará meu cunhado a Lisboa afim de pedir ao Ex.mo

Sr. Guilherme de Mattos Tavares a sua sahida do collegio de S. José de Bemfica para sua casa, onde deverá completar a sua educação, para cujo fim desde já deverá minha irmã receber mensalmente da mão do mesmo Ex.mo Sr. ou outro qualquer individuo, á ordem do meu procurador em Benguella, a quantia de 20$000 réis mensaes.....»

Foi esta a pensão que a Sociedade de Geographia lhe fez abonar desde que lh'a suspendera a Casa Bensaude, e até que Sua Magestade a Rainha, ao impulso expontaneo do seu coração bondosissimo, resolveu tomal-a a cargo do seu bolsinho particular.

IV

O Bihé, de um lado, o Zumbo, do outro *eram* evidentemente, — e como é triste ter de pôr no preterito, o verbo! — *eram* irrecusavelmente, as duas avançadas intrepidas da nossa expansão colonisadora e politica atravez da Africa equatorial.

Temo-nos cançado, — a Sociedade, — em dizel-o, *e em prevenil-o.*

Mas nem, quando aos fortes empurrões dos acontecimentos e dos perigos dos ultimos quinze annos, pareceu acordar, um pouco, do seu longo lethargo, a nossa politica colonial, aquellas sentinellas perdidas logravam merecer-lhe uma carinhosa attenção.

Tinhamos no Bihé, Silva Porto; tinhamos, do outro lado, Araujo Lobo, que, Cafue acima, continuava a nossa velha tradição de primeiros pioneiros e de primeiros occupantes dos sertões centraes. E tantos outros, e tantos mais!...

Coimbra, o ultimo capitão-mór do Bihé, morrera havia muito, e a memoria da sua existencia e do seu cargo perdera-se por tal forma nas regiões officiaes da Metropole, que um illustre ministro do ultramar, — e dos mais sabedores que aquella pasta tem excepcionalmente logrado, — affirmava, sincera e terminantemente, que nem o cargo nem o homem existira, quando Cameron veio dizer que encontrára e o guiára no coração da Africa um filho d'um major Coimbra, *juiz do Bihé*, absorvido pelo meio barbaro!

Foi sómente em 1885, — por portaria provincial de 3 de abril de 1885 (n.º 174)—que um governador geral de Angola,—o sr. Ferreira do Amaral, honra lhe seja!—se lembrou de preencher ostensivamente a representação da authoridade portugueza no Bihé, nomeando Silva Porto, capitão-mór.

Tinha elle então 68 annos de edade e 46 de sertão.

Estavamos já nos angustiosos apertos da cubiça e da invasão estranha, e affrontados ao norte pelo flibusteirismo miranbolante da *em-*

preza belga, começavam a apparecer-nos, a sul e a leste, no proprio Bihé, os *missionarios*..... d'outras emprezas congeneres.

O diploma não tem, não podia ter já, infelizmente, a desafogada e segura hombridade do outro, — do de 1791, que citámos atraz, — mas por mais de uma razão, e bastará a de ter ficado escondido no *Boletim official* da provincia (1885-n.º 15), merece ser recordado.

Dizia assim:

—«Convindo restabelecer no Bihé e Bailundo, a auctoridade tradiccional portugueza por os sobas das localidades sempre reconhecida *e, mais do que tudo, nos ultimos tempos urgente e instantemente reclamada;*—attendendo ás instrucções sobre o assumpto recebidas, em tempo, do governo de S. M. F. *e ao patriotismo, alta competencia e dedicação civica de Antonio Francisco da Silva Porto; e tendo obtido a sua annuencia a mais este sacrificio em prol dos interesses de Portugal:* —hei por conveniente determinar *que seja considerado*, para todos os effeitos compativeis com as disposições do decreto de 2 de desembro de 1869, capitão-mór do Bihé e Bailundo *aquelle illustre e benemerito sertanejo*...»

A bem dizer: *considerado* tal, já o era, ou desde Coimbra não deixava de o ser, apesar d'aquelle e de tantos outros decretos com que os modernos legisladores teem fantasiado refazer e regrar o nosso dominio e expansão colonial, nas suas variadissimas e peculiares feições... á imagem e semelhança das formulas doutrinarias e praticas da administração européa. Mas era certamente uma imposição do espirito d'esses mesmos decretos, ou uma engenhosa forma de ladear as susceptibilidades... constitucionaes, aquella maneira de dizer. Precisam ser habeis sophistas, ás vezes, os pobres governadores ultramarinos, para fazer cousas rasoaveis e praticas!...

Esta mesma situação constrangida não permittia largas á compensação do sacrificio justamente reconhecido, e á satisfação da necessidade instante, sinceramente confessada. Preceituava, pois, o diploma, que Silva Porto proporia um ajudante com o posto de alferes e o titulo de sargento-mór, e ficaria authorisado a sacar 100$000 réis mensaes,—«*para as despesas de representação perante os regulos, e presentes a estes, bem como para gratificar o sargento-mór ou qualquer empregado que no serviço que lhe fica commettido tenha necessidade de engajar*» (*sic*).

Pobre Silva Porto!...

A este tempo já por lá andavam os Bagster, os Sanders, os *americanos*, os *ingleses*, jornadeando e vivendo folgadamente, fascinando os sobas com bellos presentes, podendo rodear-se de confortos e recursos que são uma sugestão de grandeza e de poder.

Mas, em summa, quebrára-se, felizmente, o encanto d'aquelle desleixo, d'aquelle abandono descaroado e, por que não dizel-o? criminoso. Não podera fazer mais o governo provincial:—vedar-lh'o-hiam os terriveis *decretos*...

Com perfeita justiça, um officio do ministerio do Ultramar, em da-

ta de 2 de outubro d'aquelle anno, approvava o procedimento do governador,—«especialmente por haver conseguido que Silva Porto se encarregasse da capitania.»

Silva Porto, porem, estava velho e pobre.

A velhice não era o peior mal. Os setenta annos não pesavam muito n'aquella rija e activissima organisação. Vimos já como elle, apoz um passageiro quebrantamento de forças e de animo, se sentia *outro*, como elle dizia, cheio de vontade de trabalhar, de se pôr de novo a caminho, sertões a dentro.

Era-lhe estimulo a pobresa, ou mais exactamente a idéa de, com mais alguns annos de trabalho, pagar aos credores e vir morrer em Portugal. Esta, e a educação da filha, eram o seu sonho de ambição.

Voltar a Portugal! vir morrer no Porto!

Voltára com grande sacrificio, exactamente por aquelle tempo. Viera cá de visita; desembarcára em Lisboa com poucas dezenas de mil réis no bolso; fôra ao Porto...

A bordo, e aqui, continuou a escrever regularmente o seu *Diario*, como no sertão.

Com que ingenuas alegrias, com que enthusiasticas apostrophes elle vem, desde Loanda, saudando os pedaços da Patria e que vae aportando!...

Voltou á Africa mais saudoso e mais aferrado á sua idéa de vir morrer cá.

Independentemente, ou paralellamente com a vida do commercio, Silva Porto fizera-se agricultor, fazendeiro. Tinha mesmo uma particular tendencia para o labor agricola. No Bihé formára a celebre e larga povoa de Belmonte; proximo a Benguella, adquirira a Bemposta.

Em 1879, partindo para o Bihé, falla, nas instrucções ao seu correspondente, nas fazendas da Bemposta, Estrella e Santo Antonio.

Pensava em vender a primeira por uns 3 contos.

Mas adquerira isto individando-se grossamente. Ia liquidando escrupulosamente os seus debitos, mas a adversidade, um pouco auxiliada pela generosidade do seu animo, perseguia-o na sua faina commercial.

O prestigio, a influencia entre os indigenas, custa caro, e a representação official que Silva Porto procurava cuidadosamente honrar, e a concorrencia dos estranhos, e as crescentes necessidades politicas, pesavam terrivelmente sobre os seus modestos recursos.

Um triste incidente, abalou-o profundamente, em 1889:—o incendio da sua querida residencia.

De uma das suas muitas cartas, contando o desastre, transcreveremos, ao acaso, a seguinte:

«*Bihé, 21 de Julho de 1889.*—Com vista de seguir para essa, buscar minha filha, em fins d'este ou principios do anno proximo é quando a fatalidade vem ferir-me de morte, desmoronando, pedra por pedra, o edificio construido! A 26 do mez findo a parte exterior de Leste e parte geral interior da povoação historica de Belmonte foi presa das chammas deixando-me reduzido á miseria! Os indigenas tem por habito caçar e lançar fogo ás selvas em agosto ou setembro; o meu

substituto e um seu camarada, olvidando os seus deveres e entregando-se ao prazer da caça em junho, lançaram fogo no matto, e d'esta imprudencia resultou a minha desgraça.

Não crimino nem quero criminar Justino Teixeira da Silva e João da Silva Martins; peço porém, a remoção do meu substituto, e que se não lembrem de outro emquanto eu vivo fôr. O nosso desprestigio por estas paragens tem resultado do nosso commercio e authoridades nomeadas para os diversos pontos centraes. Escrevo no mesmo sentido a Luciano Cordeiro, e creio que elle e o meu amigo tomarão em consideração o pedido do pobre sertanejo. Piedade lhes pede, firme na crença de que o não deixarão ficar no estado a que presentemente se acha reduzido. Piedade meus bons amigos. As minhas vistas são demorar-me dois ou tres annos tractando da minha rehabilitação (commercial) e depois retirar-me para Portugal...»

A' exposição commovente da sua desgraça e da sua aspiração, correspondeu a nossa Sociedade, assegurando-lhe todo o seu auxilio, pondo-se n'este sentido em immediata correspondencia com o Governo, com o Governador Geral de Angola, com o Governador de Benguella, e entregando nas mãos do Rei, a seguinte exposição, que synthetisa a missão benemerita do illustre sertanejo, e á qual a imprensa manifestou uma patriotica adhesão:

«SENHOR:

Quasi octogenario, extenuado por perto de cincoenta annos de vida do sertão, Antonio Francisco da Silva Porto, o intrepido e patriotico portuguez que percorrendo em todas as direcções o interior da Africa austral, tem continuado, acrescentado e honrado a nossa tradicção e o nosso prestigio de primeiros pioneiros da Civilisação no Continente Negro, envia-nos de lá este brado augustioso: «Estou invalido e pobre, Não tenho pão e só ambiciono por consolação suprema a todas as minhas canceiras poder morrer na patria.»

Senhor:

Durante os longos annos em que circumstancias diversas trouxeram interrompida ou affrouxada a nossa exploração dos sertões africanos, quando infelizmente as nossas attenções e cuidados pareciam desviados d'aquella missão historica que era dever de honra e de segurança nacional, ao passo que a sciencia e a industria de outras nações assaltavam por todos os lados o coração do grande continente, ameaçando desalojar d'elle a tradição dos nossos esforços e descobrimentos antigos, Silva Porto, e poucos mais do que elle, pode dizer-se que continuou e sustentou a campanha, pelo paiz que o desconhecia quasi, fazendo fluctuar a bandeira portugueza, segura e amiga, como em territorio seu, nos caminhos que os exploradores estrangeiros trilhavam, hesitantes, e pretendiam revellar como até elles ignorados. Percorrendo a Africa interior, sem commissões nem deveres de informação e de estudo mas como simples commerciante, apenas, elle dedicou sempre muitas horas do seu tempo, atravez de todas as occupa-

ções, difficuldades e fadigas das suas longas excursões, ao registo e descripção das terras que percorria, dos usos e relações das raças e povos que no seu caminho encontrava, e a obra verdadeiramente colossal dos seus diarios, encerra revelações, ensino e indicações preciosissimas, que teem sido e estão sendo alta e justamente apreciadas pelos mais dedicados estudiosos e pelos mais afamados exploradores da geographia africana. A Silva Porto devemos uma das mais interessantes travessias d'aquelle continente.

Recentemente ainda, já velho, mas cada vez mais cioso do nosso primado de descoberta e de prestigio em Africa, fez elle duas longas e arriscadas jornadas, cujo interesse geographico logo se sentiu e revelou como singularmente importante nas primeiras notas dos respectivos diarios que esta Sociedade teve a fortuna de receber e publicar.

Mas a par d'estes serviços, outros de natureza differente tem prestado Silva Porto, ao bom nome e aos grandes interesses politicos do seu paiz, pela influencia prestigiosa do seu caracter honrado e generoso, do seu nome justamente amado e respeitado pelos indigenas, do seu bom senso conciliador e do seu espirito amoravel e christão.

Este mercador sertanejo que chega ao cabo da vida, tão pobre como quando entrou n'ella, tem sido Senhor, um bom explorador e um bom missionario, e n'uma e n'outra qualidade, um bom e lealissimo portuguez.

Está invalido e não tem pão.

Quer vir morrer na patria que honrada e dedicadamente serviu.

Não nos dão os recursos, Senhor, para lhe accudir, nem que outros fossem, nos julgaria-mos com o direito de nos antepôr-mos,—no que temos por uma grata obrigação da Nação, e por um justo premio que a ella compete conferir,—aos altos poderes que são os naturaes e legitimos depositarios da justiça e do reconhecimento nacional.

E é Senhor, uma recompensa nacional, que Silva Porto merece receber, pelo seu trabalho e pelo seu exemplo. Pequena e modesta a pede.

N'este pensamento, a Sociedade de Geographia de Lisboa apresenta-se mais uma vez perante Vossa Magestade com a consciencia não só de que cumpre um dever, mas de que a sua suggestão encontrará no elevado e generoso espirito de Vossa Magestade e no patriotico criterio do seu governo, um acolhimento sympathico e um deferimento justo.—Sociedade de Geographia, aos 18 de setembro 1887—Pela direcção—*Francisco Maria da Cunha—Antonio do Nascimento Pereira Sampaio—Antonio Pereira de Carvalho—João Pedro Diogo Patrone Junior—Fernando Pedroso—José Estevão de Moraes Sarmento—José Francisco Palermo da Fonseca Faria—Rodrigo Affonso Pequito—Luciano Cordeiro.*»

Esquecia-nos dizer que um dos primeiros diplomas conferidos pela nossa Sociedade, fôra destinado a Silva Porto, que gratamente o conservava entre os seus papeis.

Tem a data de 1 de abril de 1878.

Da extincta Sociedade de Geographia Commercial, formada na sua terra natalicia, recebera tambem Silva Porto as mais affectuosas demonstrações, entre as quaes a da tentativa de uma edição nova d'algumas das suas jornadas.

Não chegára, porem, a hora da justiça, que entre nós,—é sabido, e é antigo,—chega sempre tarde.

O brado afflictivo do honrado patriota, a nossa voz, tambem, ficaram... sem resposta, como tantas vezes!—podemos dizel-o, com tristeza, mas com honra, que os acontecimentos se teem encarregado,—agora mesmo!—de dar-nos a rasão que tantas vezes nos tem sido estupidamente negada. Apenas algumas das nossas authoridades ultramarinas, bem conhecedoras do que valia e do que fizera Silva Porto, mostraram comprehender e sentir a situação.

Como vimos, o governo provincial, na ideia de alliviar Silva Porto e de que lhe seria concedido vir descançar na Europa, concedendo-se-lhe aqui uma modesta pensão, nomeara-lhe um substituto. Mas na falta de uma solução governativa, e reanimando-se, e pensando reconquistar em mais tres annos de trabalho, a segurança da sua velhice, Silva Porto, ficou no Bihé, juncto das suas queridas ruinas, procurando reparal-as, desonerar-se das suas dividas, assegurar o prestigio e authoridade portugueza perante a invasão da influencia estrangeira e as perigosas tendencias da politica indigena.

O resto da sua vida é conhecido, principalmente depois da publicação, que acabamos de fazer, do extracto do seu ultimo *Diario* e das formosas cartas do capitão Couceiro.

O velho soba morrera em 1887. Experiente e pacato, costumava dizer, quando o estimulavam a novidades e aventuras, que já «comera o seu *infunde.*»

O novo, petulante e mal aconselhado, mortificava Silva Porto com exigencias e *mucanos* contra os brancos, deixando-se intrigar pelas cubiças e invejas dos que o rodeavam.

Com a sua heroica paciencia e com a sua inexgotavel bondade, Silva Porto, ia evitando que as cousas attingissem uma situação violenta e perigosa.

Uma idéa o preoccupava: a de que a infamação e a cubiça estrangeira não tirasse novos argumentos contra nós do lado do Bihé. Vivendo excellentemente com os missionarios inglezes e americanos, elle bem comprehendia as delicadezas e os perigós da assistencia d'elles ali. E que bem os conhecia, e que não se illudia ácerca dos seus reservados sentimentos, do seu amigavel convivio, vê-se do seu Diario e da sua correspondencia.

Mas esperava! Confiava em Deus, na civilisação, no juizo prudencial dos governos.

—«Mesmo antes da via ferrea chegar aqui,»—escrevia em 5 de fevereiro de 1890,—«o tempo se encarregará de desenganar os indigenas da sua impotencia contra os brancos.»

O que elle queria era evitar uma solução sangrenta, por amor, até, d'esses pobres indigenas.

As vezes, porém, a sua pobreza, as suas desgraças, as suas amargas decepções assobertavam-n'o. Salva-o, porém a preoccupação constante de voltar á Patria, de vir morrer n'ella.

Já em 1880, a 2 de fevereiro, regressando de Benguella ao Bihé, escrevia:

—«Meu amigo, não sou visionario; a minha missão na terra não está cumprida, e creio firmemente que Deus só me ha-de dizer:—é chegada a tua hora,—quando estiver na minha patria. *Olhe que foi por pensar n'isto que não puz termo á minha existencia dias antes da minha subida para aqui.* Mas deixemo-nos de ideias lugubres...»

A chegada da expedição Couceiro foi pretexto para uma recrudescencia de intriga em volta do soba insolente.

A's indicações do *Diario* que publicámos já, devemos accrescentar o seguinte trecho d'uma carta de Silva Porto, em 7 de março, poucos dias antes da sua funesta resolução:

—«No dia 20 de janeiro, 20 dias depois da retirada de... (Padre Fidalgo) chegou a expedição portugueza com destino ao Lui, e á frente da qual se acha o capitão Couceiro, a quem se deve aggregar o substituto (Teixeira da Silva) para o mesmo fim. Succede, porém, que 13 dias depois, isto é a 10 do mez passado chega ordem em contrario:—de sobrestar na expedição!—talvez coincidindo isto com a demissão do ministerio progressista substituido pelo regenerador.

Cousas nossas! querendo realisar agora o que deviamos ter feito em 1870,—20 annos antes, e não como agora comprimidos n'um circulo de ferro, pelos estranhos e desajudados do commercio, o competente para avançar...

Os indigenas, com o animo sobrexcitado por causa do sr. Arnot companheiros, a que se veio junctar a chegada da expedição, crendo que com sentido de se apossar do Bihé, por tres vezes deram causa de andar-mos em bolandas para a libata grande a fim de os tranquilisar e com effeito, o realisámos, desembolsando o sr. Arnot tres fardos de fazenda e indo ali o Capitão Couceiro e o substituto a comprimentar o potentado. A fazenda fascina os selvagens, como o ouro inglez fascina os mais habitantes do mundo!...»

Mas *a fazenda* escaceava; UMA CARTA de mão traidora que oxalá tenha sido já descoberta, malsinava o soba contra a expedição, dizendo-lhe que ella ia captival-o, arrastal-o á costa e apossar-se-lhe da terra;—a mesma insidia empregada, annos antes, por Levingetone, no Barotse; a mesma, ainda, empregada pelos flibusteiros do lado do Nyassa e da Machona!...

A situação tornou-se pois subitamente desesperada.

Se não fosse a deploravel *contra-ordem!...* a expedição teria deixado o Bihé, estaria já a caminho de Lui, tranquillamente, desarmando a intriga. Que remedio senão consolar-mo-nos com esta tristesa: «ha males que vem por bem!...»

Certo, os officiaes portugueses haviam de comprir o seu dever; a sua resolução de não obdecer á ameaça e á intimação attrevida do soba, que os mandava partir do Bihé, era justa e digna. Silva Porto comprehendia-o. «A sua ideia era esta, tambem»,—observa, com justiça, o capitão Couceiro.

Mas Silva Porto compreendia egualmente,... o que succedeu; que se veriam sós; que aquelles com quem contavam desertariam ao ver aproximar-se a onda temerosa dos selvagens; que seriam esmagados por ella. E elle proprio morreria de dor, se não morresse ás mãos d'aquelles, vendo, n'uma impotencia fatal, enxovalhada e vencida,—alem de tudo, diante de estranhos, diante de inglezes!—a santa e amada bandeira que durante *meio seculo* sustentára, honrada e gloriosa, sobre a barbaria sertaneja.

E então,... conta elle, moribundo, com encantadora singelesa ao capitão Couceiro:

.....

..... «Pelas 3 horas levantara-se, lavára-se e arranjára-se, confórme o costume; depois embrulhára-se na bandeira portugueza, que na vespera me estivera mostrando, e pegando na caixa de phosphoros approximára-se dos barris; o primeiro phosphoro, que, estando em pé, deixou cahir sobre a polvora, não pegou; deixou então cahir segundo, e depois só se lembrava de vir a si já sobre a cama.»

Nota autobiographica de Silva Porto

A minha vida

Vi a luz do dia a 24 de agosto de 1817, (baptisado na collegiada de S. Martinho de Cedofeita,) sendo meus paes Francisco Ferreira da Silva, natural de Cima de Douro, soldado que fez parte do Regimento 18 de infanteria, e condecorado com a medalha da campanha Peninsular; minha mãe Anna Maria da Costa, natural de Penafiel, e ao tempo creada de servir na rua da Banharia.

Como se vê, eram de condição humilde, e pobres, mas não se descuidaram da minha educação, a que destinavam os fundos das suas economias, que hiam juntando em logar reservado, e onde se não atreviam de tocar, quaesquer que fossem as privações porque tivessem de passar.

Mais tarde separaram-se. Como filho submisso, cumpre-me respeitar o facto. Eram meus Paes, tanto basta, para bem dizer sempre a sua memoria.

Em virtude d'este acto, minha Mãe quiz levar-me para a sua companhia, afim de me dar a educação necessaria para que um dia podesse ser util a mim e á sociedade em que tivesse de viver, conforme dizia, acrescentando, que meu Pae ficasse com minha irmã Maria para o mesmo fim. No entretanto, e não obstante a ameaça de recorrer ao poder judicial, meu Pae não consentiu, ficando, por tanto, minha irmã em poder de minha Mãe, e eu em poder de meu Pae, hindo habitar para a companhia de uma irmã com venda e estanco de rapé na rua Cham.

—Francisco guarda o teu dinheiro. Pois que! Tu, meu irmão, a querer satisfazer o que comes, e o pequeno!? Não póde ser; não quero.

Isto deu-se na primeira semana em que para ali fomos, depois nunca se fallou mais em tal, mudando-se minha tia d'ahi para o Largo do Corpo da Guarda, e mais tarde para a Calçada do mesmo nome.

Caso incomprehensivel do Destino! Meu pae nunca me poz a mão. E minha mãe não me perdoava a menor falta, castigando-me sempre que as commettesse. Pois mesmo assim, estimava mais minha Mãe, que meu pae, ao ponto de passar sempre os dias festivos na sua companhia, sem que meu pae me censurasse por esse motivo.

Prompto das primeiras letras, no collegio de José Joaquim de Carvalho, á rua Cham, dirigindo-me meu pae a pergunta sobre que profissão queria adoptar, respondi que o commercio, mas no Brasil, por ser constantemente o sonho da minha infancia, representado por uma arvore muito linda cheia de patacas. Meu pae informando-se de navio destinado para este ponto, e vindo no conhecimento de ser o brigue *Rio Ave* com destino ao Rio de Janeiro, tratou de pagar a passagem, e em

junho ou julho de 1829, epocna de terror em Portugal, n'esse lindo e veleiro navio, sahia eu a barra d'essa terra para mim sempre querida, comprehendendo então, no doloroso instante da despedida o quanto ficava em divida para com esses que me deram o ser e que me diziam n'esse doloroso acto:—Olha. Pedra bolidiça não cria musgo, — divida que nunca pude satisfazer, porque o destino sempre me foi adverso, e que deixava para sempre porque assim estava escripto no livro do Destino.

Chegado ao Rio de Janeiro, fui ser caixeiro na rua de S. José, armazem de louça pertencente a Gregorio José Teixeira. N'um dia, recebi uma bofetada de um seu serviçal, pelo simples facto de ter vendido uma peça de louça, e posto o dinheiro em cima da mesa, em logar de o metter na gaveta, e não o tendo feito na occasião, por ter a attenção voltada para assumpto que então se dava na rua. Sebastião, que assim se chamava o meu aggressor, chegando proximo e por detraz, assenta-me a bofetada, e eu voltando-me, vendo quem assim me maltratava, retribuo a offensa com outra bofetada, e criança, ferido no meu pundonor, ponho-me a chorar. N'este entrementes entrando meu amo, e informando-se do occorrido, ao contrario de mandar castigar o preto, como o decoro o exigia, passa a reprehender-me do meu descuido; eu, porém, não o deixei acabar. Pego do chapeo, que ponho na cabeça, e incontinente ponho os pés na rua.

Que me havia de occorrer então?

Ir queixar-me a Pedro II, e pedir-lhe emprego! Creio que voava. Passo a rua de S. José, Largos da Carioca e Rocio, Campo de Sant'Anna ao tempo, e mais ruas da cidade, até chegar na de S. Christovam. Aqui sou detido pelo dono de uma taberna que vendo me caminhar apressado, e dirigindo-me a pergunta sobre o motivo da minha pressa, eu, a chorar outra vez passei a expôr o que acabava de me acontecer, e quaes as minhas visitas.

Que! Fallar ao Imperador! Quem lhe metteu isso na cabeça? Fique aqui até achar emprego, — terminou dizendo o meu Anjo bom, fulano de tal Leite.

D'ahi a dias regressava para a rua do Conde, — caixeiro da padaria de João Baptista da Costa, administrada por seu irmão Benedicto da Costa, onde me conservei poucos mezes, porque a minha inclinação era habitar no commercio aristocratico da cidade; por tanto deixei esta casa onde não recebi ordenado algum, nem tão pouco do armazem de louça, e passei para o Largo do Paço, café de Mr. Neuville, onde me conservei alguns mezes, porém, atacado de inflammação dos pés recebi o ordenado, gasto com o meu tratamento na casa de saude, no curto espaço de um mez, e da qual sahi para a rua Direita, caixeiro de loja de ferragens de Manoel Martins Vieira, de cuja casa sahi ao cabo de alguns mezes pelo simples facto de sahir, recebendo o ordenado e seguindo para a rua da Candelaria, caixeiro da loja de drogas de Mr. Eduardo.

Mr. Eduardo Suplee & C.ª—conservei-me aqui alguns mezes, sahindo egualmente pelo simples facto de querer sahir, recebendo o meu ordenado, e seguindo para a rua Detraz do Hospicio, caixeiro da loja de ferragens de João Francisco Figueira Ramos, onde, n'um dia de bastante calor, em que fui mandado a cobranças, succedendo encontrar-me com um outro rapaz do meu conhecimento, ambos fomos beber uma garrafa de cerveja, e succedeu ficar corado de mais. No regresso para casa, perguntado sob a causa da minha côr encarnada no rosto, respondendo á letra o que se tinha passado:

Há! Você tambem bebe cerveja, — me diz o meu amo, e seguidamente assenta-me uma bofetada, que me fez chorar, pegar no chapéu e sahir para a rua. Dias depois voltava ao transporte da minha caixa da roupa e a receber o ordenado, seguindo pela segunda vez para a rua Direita, caixeiro da loja de ferragens de Manuel Pinto Gomes, que um dia em que foi encontrar a minha caixa de chumbo com rapé, escondida entre os maços de ferragem, e dirigindo-me a pergunta sobre aquem pertencia, e eu nada lhe respondesse, incontinente passou a tirar a minha conta, que me entregou com a importancia dos meus ordenados, dizendo que procurasse outra casa.

Na mesma rua fui ser caixeiro da loja de ferragens — de Balthasar José Martins, administrada por Domingos Joaquim Pereira Dias, — e que egualmente n'um bello dia, apresentando-me a conta dos meus ordenados junto á sua importancia me diz: — «Aqui tem, procure outra casa!»

Perseguido pela adversidade, não quiz continuar a ser caixeiro no Rio de Janeiro, onde munido de recommendação, em 1834 ou 1835 parti para a cidade da Bahia de

todos os Santos e onde apoz a entrega das minhas cartas, passei a ser caixeiro na Praça do Commercio, da loja de fazendas de Joaquim Antonio de Barros Lisboa & C.ª na qual me conservei perto de 2 annos. Mas creança sempre, olvidando o adagio de meus santos e bemditos paes, desencaminhado com falsas promessas por Manuel Velloso da Rocha, meu antigo companheiro mais velho da dita casa, disse a meu amo que não queria continuar a ser seu caixeiro.

Em 1837 na Sumaca *Novo S. José* embarco para Angola, onde fui abandonado pelo meu antigo companheiro! Volto para a Bahia, mas pouco tempo depois de ter chegado a esta cidade sobrevem a revolução denominada do — Sabino que veio paralisar todos os negocios, e eu regressando segunda vez a Angola em 1838 no brigue francez *George*, se me não engano, logo que desembarquei (Loanda), fui ser caixeiro da taberna de João Saraiva da Fonseca, entregue por balanço, onde me conservei alguns mezes, mas casa dessortida, impossabilitando-me de fazer negocio, a ponto de não ser util a mim e ao dono, pedi para se proceder a balanço, findo o qual se reconheceu apresentar eu lucros a favor da casa, em presença do que recebi os meus ordenados, e fui ser caixeiro no Largo da Nazareth, da taberna de Joaquim José Monteiro, entregue por balanço e onde egualmente me conservei por espaço de alguns mezes, até que desgostoso por me fazerem sentar praça no batalhão de voluntarios de Loanda, e influenciado com a entrada das caravanas de todos os pontos do interior, fiz ver a meu amo a impossibilidade de continuar ao seu serviço e as idéas com que estava, dando causa a minha exposição a proceder-se a balanço, mostrando lucros a favor da casa, e a receber os meus ordenados que empreguei na compra de fazendas da mesma casa, e no anno de 1839 com a minha pequena factura dei principio á minha carreira de sertanejo.

*

* *

Expolio de Silva Porto, recebido na Sociedade de Geographia, até hoje

—*Cinco viagens, ou costumes e usos gentilicos* — Vol. I (em mau estado) etc. 1846—1847—1852 etc.

—*Diario dos meus apontamentos*—Tom. 2.º—1860 etc. (Em mau estado.)

—Cadernos começando em fl. 101 de diario (primeiras jornadas) e desde fl. 105 a 5.ª ou a *Contra costa explorada* (20 nov. 1852...)

—Triplice viagem ou derrota feliz—1853 (2 cad. dupl. incompl.)

—Viagem ao Lui, 1858.

—*Notas para retocar a minha obra logo que as circumstancias o permittam* (incompleto)—Lui, 1 de abril 1866;—Apontamentos (1862)—Indice de apontamentos.

—Jornadas ao alto Cassabi e paiz do Moio—1879.

—Viagem ao norte—1881 (2 cad. copia.)

—Apontamentos de um portuense em Africa—13.º vol.—1880—1890.

—Copiador—1871—1888.

—Livro de carga e copiador (1880 até março de 1890.)

—Caderno da correspondencia concernente á expedição scientifica portuguesa—N.os 1—2.—Caderno das cargas pertencentes á expedição etc.

N'uma folha do 2.º caderno, está lançada esta nota:—«*Nosso Pae Silva Porto morreu. 3 de abril de 1890*».

—Apontamentos sobre a obra do Ex.mo Senhor D. José de Lacerda, no exame das viagens do Dr. David Levingstone, por um portuense (6 cadernos, data da introdução: Lui, 14 de setembro 1868).

—Correspondencia official. Copiador (Bihé 1 de março 1848—5 maio de 1856).

—*Docs: avulsos.*

—Titulo de residencia, no Rio de Janeiro (27 nov. 1834).

—Reg. e licença para seguir viagem para Cabo Verde (Loanda, 9 de maio 1837).

—Passaporte para Madagascar (Bahia, 21 junho, 1838.)
—Off.º do conselho Ultr. pedindo esclarecimenios e o emprestimo dos Diarios (13 nov. 1852).
—Off. do gov. de Benguella, transmittindo o louvor do gov. geral por um resgate de prisioneiros (19 abr. 1861).
—Off.º do Gov. de Benguella accusando e louvando a entrega de prisioneiros resgatados da guerra do Nano (7 fev. 1861)
—Nota autobiographica até 1839.
—Nota autographa de Levingstone sobre distancias do Cabo a Rinhande (14 jul. 1853).
—Cerc. do Gov. de Benguella para a exposição de Philadelphia (19 lan. 1876).
—*Bol.* off.—1885—N.º 15, contendo a portaria do governador geral nomeando capitão-mór do Bihé e Bailundo.
—Guia de viagem para Benguella (Moss. 7 set. 1887).
—Off. do Padre Fidalgo sobre carregadores (Bihé 21 des. 1889).
—Carta do gov. de Benguella sobre a expedição Couceiro (1 jan. 1890 recebida em 29).
—Carta do gov. geral sobre o mesmo assumpto (2 jan. 1890).
—Carta a Joaquim Manuel da Fonseca sobre o estado do Bihé (Beng. 4 abr. 1863).
—Off. da Cam. Municipal de Lisboa, voto de louvor e agradecimento pela offerta de sementes (29 ag. 1870.)
—Diploma de socio corr. da Sociedade de Geographia de Lisboa (1 abr. 1878).
—14 massos de cartas (de 1880 a 1890).
—Codicillo (Bihé, Belmonte 1 junho 1888, aberto em Lisboa em dez. 1890.)
—*Os nomes dos meses como ahi chamam* (inc.)
—Vocabulario quimbundo (Lui, 1 abr. 1865) (inc.)
—*Memorial de Mucanos* (1841-1885).
—Livros de carga, borrões e copias (Papeis truncados).
—*Novo Diccionario da Lingua Portugueza* (José da Fonseca) 1843—1 vol.
Atlas Universelle (Vuillemin) 1840—1 vol.
—Uma carteira d'algibeira.
—Photographias, e pequenas recordações de familia.
—Oculos, luneta, e vidros de sobrexcellente.
—Lapis, regua, lacre e pennas d'aço.
—1 Tinteiro de viagem.
—1 sinete.
—10 retratos (ph.) tirados em 12 de janeiro de 1885
—6 ditos, tirados em 5 de junho de 1878.
—Um pequeno masso de jornaes.
—Uma caixa de folha (de viagem).
—Uma caixa papeleira (já entregue á familia.)
—Um relogio de ouro (idem.)
Sociedade, 20 de janeiro 1891.